



Rãs, relas e sapos

Quando eu era pequenina adorava saltar nas poças de água, como as rãs, as relas e os sapos. Só que eles fugiam para a água... e quando voltavam à superfície, eu não conseguia quebrar o feitiço da sua camuflagem.

O meu avô dizia que quando o bicho salta, e mergulha em direcção ao fundo, é uma rã. Quando salta, mergulha e volta para as bordas, é um sapo. E tinha alguma razão. As rãs adultas vivem junto da água e são boas nadadoras. A sua pele lisa e as patas traseiras compridas – com membranas entre os dedos que funcionam como barbatanas de calçar – facilitam a natação. Mergulham para se esconder e manter a pele húmida. Não são caçadoras submarinas porque a sua visão debaixo de água é fraca. Respiram e alimentam-se à superfície. Os sapos (e as relas) podem mergulhar para se esconder, mas não são bons nadadores e não vivem na água. Logo, voltariam para as bordas. Mais certo seria encontrar um sapo a saltar ou caminhar em terra, durante a noite ou num dia húmido. É nessa altura que saem para se alimentar. E mesmo assim, não é fácil vê-los. A sua pele rugosa é manhosa pois faz com que pareçam grãos de terra ou de areia.

Durante o dia ficam escondidos no aconchego da humidade, em buracos que escavam, debaixo de troncos e pedras, ou dentro de pequenas tocas de ratinhos e musaranhos. Porque, como qualquer bom anfíbio, têm a pele húmida, a qual produz secreções que os protegem dos predadores e de doenças e também lhes permite respirar. As relas têm a pele mais ou menos lisa como as rãs. Mas vivem sobretudo fora de água, como os sapos. E fazem lembrar gafanhotos verdes quando, aos saltos, caçam insectos em voo. A grande inovação das relas é ter patas trepadoras. Proeza que conseguem graças aos discos com ventosas autocolantes que têm na ponta dos dedos. E assim vivem empoleiradas, sem cair nem escorregar, na vegetação aquática. De fazer inveja a quem gosta de escalar! Só mais uma coisa. Rãs, relas e sapos caçam de noite, com uma língua de camaleão, pegajosa. E isso, eu acho que o meu avô não sabia...

2 é o número de espécies de rãs e também de relas em Portugal. Sapos, temos oito espécies. Só a rã-verde e o sapo-comum vivem em todo o país.



A rela-comum (*Hyla arborea*) tem discos adesivos na ponta dos dedos para se agarrar.



Sapo-comum (*Bufo bufo*). A cabeça ilustra o seu grande porte. As fêmeas têm 20cm!



A rã-de-focinho-pontiagudo (*Discoglossus galganoi*) é um sapo. Chamam-lhe rã porque tem a pele lisa como as rãs.

ficha técnica

Rãs, relas e sapos são anfíbios anuros, isto é os adultos não têm cauda. As larvas respiram por brânquias, os adultos por pulmões e, em parte, pela pele. Reproduzem-se por ovos que alimentam o embrião fora do corpo da progenitora (ovíparos). A sua temperatura corporal depende da do exterior (ectotérmicos). Em Portugal, nos picos do Verão e Inverno, estiveram ou hibernam, respectivamente, enterrando-se na terra.

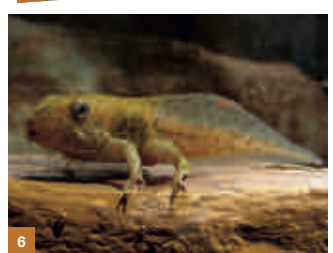
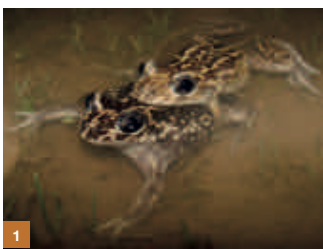
Vida de anfíbio

Anfíbio quer dizer vida dupla. A vida das rãs, relas e sapos passeia-se entre a água e a terra. Mas a sua dependência da água obriga a que cada geração cresça num tempo recorde. Aqui fica a sua história aos quadrinhos.

- 1. A fecundação nos anfíbios é externa, na água. O desafio do macho é agarrar uma fêmea e ficar na posição certa para fecundar os óvulos, à medida que esta os põe na água, protegidos por gelatina. Tudo se consegue com um abraço.
- 2. A postura é uma gelatina de ovos (óvulos fecundados), centenas ou milhares, consoante a espécie, pois muitos servirão de alimento a seres aquáticos como os tritões e as cobras de água.
- 3. O sapo-parteiro tem outra estratégia: poucos ovos, mas bem protegidos. Carrega os ovos às costas e só na altura da eclosão os põe na água.

- 4. Os girinos (ou larvas) nascem passado alguns dias. Parecem peixes: têm uma cauda natatória e respiram por brânquias internas. Alimentam-se de restos de algas, fungos e detritos. E são comidos por insectos aquáticos e peixes.
- 5. Crescem e transformam-se. Primeiro aparecem as patas traseiras.
- 6. As patas dianteiras aparecem depois e as brânquias são substituídas por pulmões. A córnea permite-

- lhe agora ver fora de água. O intestino longo de herbívoro passa a curto de carnívoro. A cauda regride, completando a metamorfose.
- 7. O tenro juvenil sai timidamente do ventre da água, equipado para a vida terrestre. Leva ainda um bocadinho de cauda que continuará a alimentá-lo durante a sua dispersão.
- 8. Uma vez adulto, esconde-se e espera pelas primeiras chuvas do Outono para sair do seu refúgio.



Auditórios de canto nocturno

Nos lagos dos jardins das cidades, nas noites de Primavera e início de Verão, há concertos de coral a muitas vozes! Traga um frontal* e venha ouvi-los.

O canto é a forma como os machos atraem as fêmeas. Na altura da reprodução, os habitats aquáticos recebem uma peregrinação de machos. Chegam primeiro que as fêmeas e põem-se a cantar dentro de água ou perto dela usando os seus sacos vocais. Dizem que as fêmeas dos anuros gostam dos cantos mais graves, ou seja de machos maiores, mais capazes. Nos lagos das cidades, são os machos da rã-verde e do sapo-parteiro que cantam. Para treinar a identificação auditiva destas e outras espécies, consulte o blogue répteis e anfíbios de Portugal.

sabia que

A destruição dos charcos, das linhas de água naturais, a sua poluição e uma micose na pele dos animais, estão a causar a diminuição dos anfíbios. São, por isso, espécies ameaçadas e protegidas por lei.

* Lanterna para colocar na cabeça.